



Composição identitária de personagens protagonistas nos cinemas negros femininos: Entrevista com Viviane Ferreira sobre a criação de Jerusa no filme *Um Dia com Jerusa*

Identity composition of protagonist characters in black female cinemas: Interview with Viviane Ferreira on the creation of Jerusa in the film *A Day with Jerusa*

Elaine do Carmo¹

A criação de uma obra cinematográfica que de alguma forma se apoia de alguma forma nas técnicas de estruturação nasce de uma situação vivenciada por um personagem que ao ser construído é inserido em um contexto que gera e exacerba suas questões sociais. De forma simplificada, o protagonista tem o poder de reger e/ou ser o gatilho da situação que sustenta a obra e os discursos ali propostos. Entendo esta dinâmica é possível saber que Jerusa Anunciação Mamed é uma protagonista que se localiza fora da habitualidade de produções do cinema brasileiro. A personagem também cria apontamentos sobre a existência de protagonistas negras no cinema nacional por se encontrar única nas referências de mulher, negra, idosa em um longa-metragem ficcional distribuído comercialmente em todo o território nacional.

Há algumas décadas no cinema nacional nem era cogitada a existência, pois a estruturação de referências imagéticas no Brasil se baseava nas heranças coloniais delirantes de eugenia que limitavam as representações de mulheres negras a personagens para composição de cena que se destacavam nas narrativas especificamente para sofrer

1. Bailarina há mais de 15 anos, graduou-se em Comunicação Social (Jornalismo) em 2012. Criou a produtora Massai Digital em 2018 e é produtora cultural, com dedicação ao audiovisual. Realiza pesquisas cinematográficas, desempenha também as funções de assistente de direção e roteirista. Atualmente, é mestranda em Cinemas Negros e Cinemas Negros no Feminino, pela Fafich-UFMG. É também Assistente de Comunicação na empresa Vivas Cultura e Esporte. E-mail: elainecdcarmo@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-1657-0334>.

violências físicas e sexual, no caso dos escravizadas e violências psíquica por meio verbal, no caso de empregadas domésticas. O interesse dos realizados era explicitar e reforçar o subjugamento existente na estrutura social brasileira.

Do lado oposto das lentes, a parte de trás das câmeras, a dinâmica não se construiu de forma diferente. Mulheres negras geralmente acessam cargos de pouca visibilidade e considerados de pouco poder criativo na cadeia produtiva, porque as propostas de protagonismo e narrativa destas ainda não fazem parte do interesse discurso da indústria cinematográfica dominante.

Buscando entender um pouco mais sobre a rara composição de uma diretora solo negra, dirigindo uma obra ficcional longa-metragem com uma protagonista que foi causada pelo filme *Um Dia com Jerusa*, entrevistamos Viviane Ferreira para falar sobre o processo de construção da personagem Jerusa personificada pela atriz Léa Garcia. A entrevista foi concedida pela cineasta Viviane Ferreira a mestrandia em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que realiza pesquisas sobre a protagonista Jerusa na obra *Um Dia com Jerusa*.

EC: Qual o corpo-território e identidade da personagem Jerusa?

VF: Começo agradecendo a aposta e a crença no trabalho e no significado deste filme para nossa existência coletiva. Gostaria de deixar registrado que é necessário ajustar algumas informações em torno da existência do filme. Antes de responder é preciso lembrar que as histórias das mulheres negras em todas as áreas e todas as profissões em nosso país é recheada de invisibilizações. Assim como Rui Barbosa queimou muitos documentos que poderiam falar sobre a nossa origem, individual e coletiva antes do Tráfico Negreiro, a sociedade brasileira se especializou em esconder e invisibilizar as produções de mulheres negras.

Acreditando que possa ter existido produções de mulheres negras que antecederam a nossa e que a gente não saiba da existência, cito aqui algumas diretoras que conheço e suas obras para poder honrá-las. Adélia Sampaio com *Amor Maldito*, Sabrina Rosa que codirigiu *Vamos Fazer Um Brinde*, Glenda Nicácio que codirigiu os filmes *Café com Canela* e *Ilha*, Lilian Solar Santiago e o documentário *Família Alcântara*, a diretora e bailarina Carmem Luz com a obra *Um Filme de Dança* e Camila de Moraes com o filme *O Caso do Homem Errado*.

Indo agora dialogar com sua pergunta, percebi que você construiu um paralelo da personagem Jerusa com o conceito de corpo-território-identidade de cinemas negros que eu trago na minha dissertação. Falo ali do corpo-negro-território entendendo ali que nos falta materialidade. A negritude carece de acesso ao que é material, do recurso material para exercer a atividade cinematográfica. Quando falo desse recurso, estou falando de acesso à câmera, do acesso ao dinheiro, de uma estrutura que nos permite criar com aporte. A gente chega nesse universo cinematográfico materialmente contando com o nosso próprio corpo e o colocando à disposição de processos reivindicatórios. Então, estou interagindo com este corpo como território de reivindicação, como território de luta, estou interagindo com este corpo como ferramenta de trânsito e

estou interagindo com este corpo como referência de localização. Esta percepção do corpo-negro-território me ajudou e me ajuda a localizar este meu fazer cinematográfico no mundo e criar personagens.

EC: Quando você pensou na Jerusa, que elementos você reuniu para composição da personagem?

VF: Primeiro fui dialogar com uma personagem bem conhecida do nosso imaginário que são as avós. As avós negras. Jerusa traz no seu corpo o registro dessas senhoras e as mais velhas dos terreiros de candomblé, makotas e ebomes. São mulheres impecáveis, elegantírrimas que jamais são vistas em público desalinhas, seja com as vestes ou com os cabelos. A Jerusa também personifica a existência destas mulheres fora do terreiro, com outras vestimentas. Estas têm casa, tem família biológica, elas vão ao supermercado, vão ao médico, transitam nas ruas com a elegância, altivez e sabedoria colocadas em Jerusa.

EC: O filme surgiu do encontro, de uma situação que passou com uma mulher idosa na rua enquanto esperava um ônibus, o que você trouxe daquela mulher para Jerusa?

VF: A solidão. Trouxe a extrema experiência de solidão daquela senhora que a levou ao ponto de se dispor a trocar questões tão íntimas com alguém que ela nunca viu. Esta solidão se apresentou na ausência da família daquela senhora no dia de seu aniversário. Fato que foi completamente herdado por Jerusa no dia do seu aniversário, mas que se passou em um ponto de ônibus. Trago também para a história o encontro intergeracional de Jerusa com Silvia que foi espelhado no encontro entre mim e aquela senhora.

EC: Você pensa na narrativa de Jerusa como uma contra narrativa?

VF: Eu sou de peixes com ascendente em peixes, desconforto não é muito meu forte (risos). Acho que a história em si não gera desconfortos, gera deslocamentos. Primeiramente há um choque ou estranhamento pela quantidade de corpos negros ali presentes na tela. Isso não gera desconfortos, mas gera deslocamentos da forma de perceber corpos negros porque passa existir a necessidade de se pensar sobre isso ao experienciar o filme. Outra coisa que acredito que a narrativa gera é o deslocamento emocional, porque cria reflexões que podem deslocar a audiência para pensar sobre si. Acredito que também cause outros deslocamentos como a inevitável ação de passar a enxergar uma mulher negra idosa como dona de um sobrado. É um sobrado organizadinho, aquilo não é nem um palacete. É um sobrado!

Outro deslocamento reflexivo é o fato de ser uma narrativa negra melodramática. Eu amo melodrama, a sociedade brasileira ama melodrama, a gente ama novela. E eu não tive medo ou vergonha de criar e filmar um melodrama porque o corpos-negro-território

que me interessavam me comunicar também amam o melodrama. É um estilo utilizado é bem usado, um gênero que é bastante gasto pelo cinema hegemônico. Mais do que contra narrativa, *Um Dia com Jerusa* é contra hegemônico. A gente vai pensando os tempos do filme de maneira diferente do que Aristóteles colocou ali nos três atos dele. Acho que é isso, penso que é este o lugar que o filme transita.

EC: O que há de identificação visual de Jerusa que se comunica com uma mulher real?

VF: O que eu queria era que o cabelo de Jerusa, o autocuidado e o cuidado que ela tem com sua casa dialogasse com as mulheres da idade dela. Mas acima de tudo o desejo de viver e a demonstração de uma vida produtiva porque vivemos em uma sociedade que as pessoas mais velhas precisam ficar provando o tempo inteiro que elas não estão mortas. Porque depois que a pessoa passa de uma certa idade, que chega na aposentadoria, parece que a sociedade diz que ela não é mais importante, mas estas mulheres contrariam estes discursos. Seguem suas vidas cuidando de si, cuidando de seus lares e cuidando das pessoas ao redor. Resolvem problemas, interferem na política e nas diretrizes sociais.

Estes elementos de altivez, de solidariedade, de atenção social e comunitária foram aspectos que acredito que são importantes para essas mulheres reais. São figuras necessárias para o processo de cura dessa nossa sociedade.



Foto: Yuri Costa



Foto: Yuri Costa



Foto: Yuri Costa